

Enchentes em Goiás Velho

João Arnolfo Carvalho de Oliveira

As enchentes que destruíram parte do patrimônio histórico da cidade de Goiás podem estar relacionadas indiretamente com as mudanças climáticas e alteração do regime de chuvas, mas os responsáveis diretos somos todos que deixamos as nascentes do rio Vermelho serem devastadas pelo fogo e pelo desmatamento de suas margens e matas ciliares ao longo do tempo. O crescimento da cidade, a melhoria do calçamento das ruas, a expansão urbana nas partes mais altas, sem que simultaneamente houvesse preocupação com a drenagem das águas pluviais e replantio das matas ciliares, contribuíram para tornar insuficiente o apertado leito canalizado do rio, fazendo-o transbordar.

Não é preciso ir longe para constatar a natureza ecológica do desastre na antiga Vila Boa. Assim como renegaram o nome antigo porque teria conotações com um passado de decadência do ciclo do ouro, deixando que um pequeno município ao norte de Brasília o adotasse para não se perder a memória da história, também avançaram sobre as matas com a certeza de que progresso seria derrubá-las, abrindo espaço para a agropecuária. As matas que existiam em boa parte de Goiás e municípios vizinhos acabaram de vir abaixo na época do "milagre econômico" da ditadura, com a valorização das terras. Todos os anos o fogo castiga o que restou do cerrado nas encostas dos morros. Na seca, Goiás quase se transforma na bateia de fogo que o Diabo Velho, o Anhanguera, teria usado como ardil para amedrontar os índios Goiá e fazê-los contar que o ouro estava nas nascentes do rio Vermelho.

Pois o mesmo fogo foi usado ano após ano para abrir novas áreas, limpar capoeiras e pastos, ou simplesmente por vandalismo com a vegetação e a fauna. Às vezes de maneira semelhante ao que aconteceu com o antigo ícone do estado — a Pedra Goiãna, na Serra Dourada, um monólito que se equilibrava sobre três pequenos conjuntos de arenito, derrubado com bombas por playboys caipiras de famílias tradicionais na década de 1960. Tudo era visto como "velho" e portanto rejeitado, como ainda hoje

não gostam do termo Goiás Velho, como a cidade ficou conhecida em todo o país por diferenciação com o nome do estado.

Pouco antes da decisão da Unesco, junto com especialistas em geografia e meio ambiente, vistoriamos parte do rio Vermelho — desde a área da antiga usina elétrica que foi abandonada quando chegou a energia de fora, até o centro histórico entre as duas pontes e depois o bairro da Carioca, na saída para Aruanã, subindo até as nascentes. Bocas de esgoto sendo despejados no rio são muitas, mas o governo informava que estava em construção a usina de tratamento, para atender às exigências no processo pelo reconhecimento internacional.

Também chamou a atenção o estado de devastação de afluentes do rio Vermelho, como o córrego Manoel Gomes, que teve suas margens e nascentes desmatadas, dificultando a infiltração das águas da chuva no solo.

Grotas e pequenos veios d'água que existiam antigamente, na região da Carioca, também estavam aterrados para a construção de estradas ou casas ou, nos trechos que sobraram, estavam sem vegetação, propiciando sua transformação em sarjetas na época das chuvas, canalizando para o rio Vermelho toda a água pluvial que a terra já não conseguia mais absorver. O próprio leito do rio, devido à descida de grande quantidade de terra, areia, pedras e entulho, estava bastante assoreado em trechos antigamente mais profundos, como o poço do Bispo.

Subindo um pouco, já fora da cidade, pode-se constatar claramente — e isso está registrado em fotos disponíveis no Guia Ecológico de Goiás, em www.viaecologica.com — como a ação humana é a principal responsável pelas enchentes do rio Vermelho: sua parte mais alta, à direita de quem pega o asfalto para o Araguaia, está com as margens completamente desmatadas e assoreadas. A retirada das matas ciliares, o desmatamento do cerrado em todos os pequenos vales que permitiam a atividade agrícola e nas encostas dos morros em volta, provocaram o assoreamento dos trechos mais planos e a erosão nas áreas mais íngremes.

Com o grande volume de chuvas dessa virada de ano, a água simplesmente não teve como se infiltrar mais pela terra, nas regiões próximas à microbacia do rio Vermelho, passando a escorrer pela superfície, formando pequenos rios de enxurrada que foram engrossar o curso principal. Como os morros em volta já não contam com a cobertura do cerrado, multiplicou-se o volume de água que correu pela superfície, fazendo com que lá embaixo, dentro da cidade, o canal de pedra e cimento construído ao longo das décadas para "enquadrar" o afluente do Araguaia se tornasse estreito demais para contê-lo.

Pode ser que as mudanças no aquecimento global e suas consequências sobre o regime das chuvas em nossa região tenham sua parcela de culpa. Mas é inadmissível esquecer completamente, como tem feito o noticiário local, regional e nacional, os desequilíbrios ecológicos provocados pela ação humana ao longo de quase três séculos de destruição do meio ambiente na antiga Vila Boa de Nossa Senhora de Sant'Ana de Goiás. Certamente que a agência da ONU não vai se satisfazer com relatórios sobre as perdas do patrimônio histórico e necessidade de apoio financeiro se não houver, junto, um planejamento ambiental de reflorestamento das nascentes e margens do rio Vermelho e afluentes, combate às queimadas e desobstrução dos leitos e tratamento dos esgotos, para que o rio Vermelho volte a ser parecido com o que devia ser antes da chegada da civilização.

OS RESPONSÁVEIS DIRETOS SOMOS TODOS QUE DEIXAMOS AS NASCENTES DO RIO VERMELHO SEREM DEVASTADAS PELO FOGO E PELO DESMATAMENTO DE SUAS MARGENS E MATAS CILIARES AO LONGO DO TEMPO